



## A BIFURCAÇÃO PROFISSIONAL DOS NEOCAMPONESES, NA FRANÇA CONTEMPORÂNEA<sup>1</sup>

*The professional bifurcation of neopeasants in contemporary France*

PEREIRA, Luciano<sup>2</sup>

### RESUMO

A partir de entrevistas conduzidas nos sítios, podemos afirmar que a centralidade subjetiva do trabalho estrutura a identidade dos neocamponeses que, por meio de bifurcações profissionais, buscaram uma profissão que estava de acordo com seus valores. Assim, defendemos que as bifurcações rumo à vida camponesa não são uma recusa da ética do trabalho, mas, sim, sua afirmação. Os entrevistados foram divididos em dois grupos, aqueles que recusam a alienação do trabalho e as relações alienadas com a natureza que caracterizava o trabalho anterior, recusa que se acentua com a compreensão do antropoceno, e, em menor número, aqueles que trabalhavam em associações próximas ao mundo camponês ou com educação ambiental. Em ambos os grupos, a construção e consolidação da vida camponesa é marcada pela busca de autonomia no trabalho, que é encarnada em valores e práticas da perspectiva da subsistência.

**Palavras-chave:** Neocamponeses. Bifurcação profissional. Perspectiva da subsistência.

### ABSTRACT

Based on the interviews conducted on the sites, we can affirm that the subjective centrality of work structures the identity of the neopeasants who, through professional bifurcations, sought a profession that was in accordance with their values. We therefore argue that the bifurcations towards peasant life are not a rejection of the work ethic, but rather an affirmation of it. The interviewees were divided into two groups: those who reject the alienation of work and alienated relations with nature that characterised previous work, a rejection that is accentuated by an understanding of the Anthropocene, and, to a lesser extent, those who worked in associations close to the peasant world or in environmental education. In both groups, the construction and consolidation of peasant life is marked by the search for autonomy in work, which is embodied in values and practices from the perspective of subsistence.

**Keywords:** New peasants. Professional bifurcation. Perspective of subsistence.

---

<sup>1</sup> Este texto é inédito e já foi objeto de apresentação no Seminário do Laboratório Gênero, Trabalho e Mobilidade, do Centro de Pesquisas Sociológicas e Políticas de Paris, GTM – CRESPPA, em 2023, e no Seminário de fechamento da pesquisa “Trabalho - sentido das mudanças e mudanças de sentido”, em 2023. Não houve necessidade de submissão ao comitê de ética porque a pesquisa foi desenvolvida na França, país onde não há essa obrigação. O artigo é fruto de pesquisa de pós-doutorado denominada Neocamponeses da França contemporânea, que obteve financiamento da CAPES, no seio do Acordo Capes-Cofecub.

<sup>2</sup> Doutor em filosofia pela USP, 2010, Pós-Doutor em sociologia pelo CRESPPA, 2023, é docente na Faculdade de Educação, na UNICAMP. E-mail: msocial@unicamp.br

## CONTEXTO SOCIAL E A CARACTERIZAÇÃO DOS ENTREVISTADOS

Nessa pesquisa, analisamos a bifurcação profissional e a relação com o trabalho camponês de mulheres e homens que decidiram se tornar neocamponeses e que, atualmente, habitam em três diferentes localidades do departamento de La Drôme, região do sudeste da França. Para a realização da pesquisa, permanecemos em campo por três semanas, durante o verão de 2022, o mais quente da história da França, quando a seca e incêndios assolavam a região. Durante todo o tempo, estávamos em companhia de sindicalistas da Confederação Camponesa, dos próprios camponeses, empregados e voluntários e de membros de associações ligadas ao mundo camponês. Quase sempre nos hospedamos em casas de camponeses, visitamos propriedades, feiras (*marchés de producteurs*), mercearias geridas por cooperativas de agricultores. Nós realizamos 16 entrevistas e em duas delas entrevistamos casais, ou seja, 18 pessoas ao todo. A maior parte das entrevistas foram realizadas nos sítios dos entrevistados, quando na companhia dos camponeses conhecemos as plantações, currais e as instalações de fabricação de laticínios. Em alguns casos, a partir da prática camponesa da ajuda mútua, os camponeses pediram que trabalhássemos junto a eles.

A composição social deste grupo de neocamponeses é semelhante ao que demonstram outras pesquisas realizadas sobre o tema, como por exemplo, por Samak (2021) e Pruvost (2013), em sua maioria, têm origem nas classes médias e o restante nas classes populares. A respeito da trajetória escolar, a grande maioria possui diploma superior, seguido seja por um *brevet professionnel*, que é um certificado obtido em um curso profissionalizante, para tanto, é necessário, ter diploma superior, e há também aqueles que possuem mestrado e doutorado.

Como aponta Bruneau (2006), os neocamponês não formam um grupo homogêneo, da mesma forma nossos entrevistados são provenientes de diferentes profissões e trajetórias escolares, estão em diferentes faixas etárias e realizaram a conversão profissional em diferentes fases da carreira e da vida. Ainda segundo Bruneau, muitos tiveram vínculos com o mundo rural, por meio de familiares agricultores, por isso, é necessário relativizar o uso da expressão neo-rurais.

Apesar das diferenças em termos de proprietários e arrendatários, ou se o trabalho é exclusivamente familiar ou se são pequenos patrões que empregam mão de obra assalariada, todos estão dentro dos limites da economia camponesa, ou seja, não são agricultores empresários que objetivam a acumulação. Os entrevistados são, atualmente, horticultores, cerealistas-padeiros, criadores de ovelhas e cabras que produzem queijo e iogurte, herboristas, um criador de raça local de frango e há aqueles que conciliam duas atividades. A despeito do setor, a escolha da agroecologia e da produção biológica, certificada ou não, estava presente desde a tomada de decisão de ser neocamponês.

### A DEFINIÇÃO DE NEOCAMPONÊS

A definição mais comum de neocamponês é aquele que escolhe trabalhar com agricultura, seja ele cidadão ou oriundo do mundo rural, mas não é oriundo de família camponesa, ou seja, não é um herdeiro de terras. Aqui, adotamos uma definição inclusiva, ou seja, não descartamos os filhos de agricultores que não herdaram a terra dos pais, questionam seus modelos produtivos, e que, antes de se instalarem, percorreram longa trajetória de estudo e exerceram atividades profissionais não diretamente agrícolas.

Característica comum entre os neocamponeses é a profunda identificação com a vida camponesa, o que extrapola a compreensão de um *métier* voltado para à produção de alimentos. Como aponta Sallustio (2018), eles atualizam o legado camponês, ao unir tradição e experimentação e conciliam a nostalgia pelas comunidades camponesas de outrora com a

utopia de novas relações entre os homens e destes com a natureza. Em tempos de agronegócio e mudança climática, eles entendem seu trabalho como necessário e que o número de camponeses deveria se multiplicar no futuro próximo para que as sociedades possam se alimentar da agricultura camponesa. Diferentemente da agricultura industrial, voltada para o mercado nacional ou mundial, via de regra, eles praticam uma agricultura voltada para o território, o que se traduz no abastecimento do mercado local, na formação de paisagem, na conservação da biodiversidade local, em especial das sementes, e na atuação associativa e política em escala local ou regional.

Nas entrevistas e conversas informais, houve casos em que a autoidentificação ou não com o termo neocamponês são ilustrativos da complexidade deste universo. Por exemplo, um camponês que herdou a propriedade dos pais se identificava como neocamponês, pois além de ter longa trajetória escolar e experiência profissional em outros setores, ele realizou a conversão agroecológica, se voltou para o mercado local e está inserido em lojas cooperativas, associações e redes sociotécnicas, tudo isso o faz militante de uma agricultura alternativa e voltada para o seu território, o que o difere dos pais, agricultores convencionais. Como ele herda a terra dos pais, decidimos não incluir esse caso.

Em sentido oposto, há um neocamponês que não se considera como tal porque antes trabalhava com educação ambiental e, segundo ele, o que faz hoje está em continuidade com seu emprego anterior, que se baseava na observação constante da natureza. Outro neocamponês, nascido na zona rural, que trabalhou em uma associação para deficientes e que adquiriu um sítio, no mesmo local - *pays*, em francês -, onde nasceu, não se identifica com a expressão *neo* porque como *paysan* é alguém do lugar, ele não seria um *neopaysan*. Obviamente, optamos por considerar esses casos como neocamponeses porque eles se tornam camponeses, independentemente, da família de origem.

Essa complexidade da relação entre origem e *métier* talvez se explique pelo fato da agricultura camponesa ter se transformado num polo capaz de atrair pessoas das mais diversas trajetórias.

## **CENTRALIDADE DO TRABALHO E BIFURCAÇÃO**

Algo em comum em todos os depoimentos é a importância dada ao trabalho, o que nos permite afirmar que a centralidade subjetiva do trabalho, conforme teorizada por Dejours (2012), atua na construção da identidade desses sujeitos. Nos depoimentos, a relação com o trabalho, seja antes ou depois da bifurcação, nunca é neutra e sempre entra em jogo positiva ou negativamente na estruturação das subjetividades.

Entre os nossos entrevistados, a relação com o trabalho é algo determinante nos percursos de conversão profissional e, como também apontado por Samak (2016), a motivação por mudar de trabalho é a principal razão pela qual os sujeitos miram a vida no campo.

A partir das exigências éticas dirigidas ao trabalho, as críticas à alienação e o desejo de busca de sentido, podemos afirmar que a recusa da profissão anterior não está associada à negação da ética do trabalho e sim de sua afirmação. Algo, à primeira vista contraditório com quem decide romper seus vínculos com trabalhos qualificados e em escritório para viver no campo, junto à 'natureza'.

Todos os entrevistados, exceto um executivo que se queixa das extensas jornadas de trabalho de seu emprego anterior, afirmam que, atualmente, trabalham mais hoje do que em relação ao emprego anterior. Apesar da bifurcação resultar em mais trabalho, isso não é vivido com um problema. Imbuídos da ética do trabalho, o importante é que o trabalho esteja em conformidade com seus princípios, por isso, levaram a cabo bifurcações que resultam em transformações, em alguns casos, radicais em suas vidas.

A valorização do trabalho, da capacidade de trabalho e do prazer em relação ao trabalho estão presentes em vários depoimentos. A herborista Marianne relata que “nossa família trabalha com o sol”. Ela e o marido começaram uma produção em um sítio do zero, quando ela tinha 55 anos, após uma trajetória de vida nada convencional. Por anos, eles viajaram pelo mundo, em barco próprio, fase em que se responsabilizaram pela da educação dos filhos. A respeito de sua conversão profissional, ela afirma que “foi muito duro, mas é apaixonante, esse que é o problema”. O horticultor Jean-Paul, que foi muito ativo no movimento *Gilets Jaunes* (coletes amarelos) de sua cidade e que é associado à *Nature et Progress*, uma certificação biológica mais rigorosa que a europeia, afirma sobre aqueles que desistem do *retours à la terre* que eles romantizam o mundo camponês e, conclui com certa rigidez moral que é preciso ser como um bambu, envergar com as tempestades e depois se reestabelecer. O criador de ovelhas e horticultor, Bernard, pai de 5 filhos, diz que é prazeroso trabalhar no canteiro, com as crianças brincando ou ajudando ao lado.

Essas falas são representativas do que ouvimos e presenciamos em campo. A ética do trabalho dos neocamponeses se caracteriza pelo desejo de expandir os sentidos do trabalho e resignificá-lo, o trabalho aumenta, mas ganha qualidade e complexidade. Além do trabalho de produção, há atividades de autoprodução, por exemplo, construção da casa e das instalações produtivas; atividades de bricolagem, que são muito úteis em concertos de motores e máquinas e em reformas; há o aumento intencional do trabalho de reprodução, por exemplo, maior tempo dedicado à educação dos filhos e as práticas alternativas como banheiro seco; o trabalho militante nas associações técnicas e políticas voltadas para a defesa dos camponeses e mesmo um trabalho improdutivo relacionado ao desenho com a paisagem.

Trata-se de uma ética do trabalho que vai na direção oposta da ética protestante, já que é avessa à acumulação e voltada para a subsistência.

## **BIFURCAÇÕES DESCENDENTES**

A migração de cidadãos e profissionais sem vínculo com o mundo agrícola para o campo não é um fenômeno inédito, logo após os eventos de maio de 1968 e a partir do diagnóstico de que foram derrotados, estudantes e trabalhadores procuraram áreas despovoadas pelo êxodo rural para montar comunidades alternativas como uma espécie de compensação e substituição utópica da derrota de maio, fenômeno que foi analisado pelo clássico livro de Danièle Hervieu-Léger e Bertrand Hervieu, *Le retour à la nature - au fond de la forêt, l'État* (2005). Segundo os autores, houve uma primeira onda marcada pela busca de experimentações sociais, a fruição do tempo livre e o contato com a natureza, sem identificação com o mundo camponês. A maior parte desses grupos comunitários não resiste ao tempo e dá lugar a novas ondas de retorno à terra, nos anos 1970, mais voltadas para o mundo camponês e para o exercício do *métier* e marcadas pela ética do trabalho, o que contribuiu para serem aceitos pelas, em geral, inóspitas vizinhanças.

Em termos de composição social e profissional, a pesquisa de Léger e Hervieu conclui que uma boa parte dos neocamponeses, dos anos 1970, era oriunda dos setores da educação e da assistência social e o principal motivo do retorno à terra é a recusa do redesenho e da descaracterização de suas profissões. Dada a reversão de expectativas de crescimento econômico dos anos 1970, tal redefinição visava atribuir a tais profissionais a função de controle social e seleção de jovens no sistema escolar e no mercado de trabalho. Assim, a recusa ao trabalho alienado são fatores centrais do surgimento da primeira geração do retorno à terra.

Ontem como hoje, as bifurcações profissionais, aqui analisadas, também são formas de mudar de vida pelo trabalho. Porém, diferentemente da primeira geração, a maioria não participou de

movimentos sociais ou de partidos políticos antes de se tornar camponês, como também aponta Samak (2016). Para Rozencwajg (2021), ao mudar de vida, mudando de profissão, eles operam uma mudança individual que está permeada de valores políticos, eles recusam o assalariamento e os valores dominantes relacionados ao sucesso profissional, ao consumo e os valores de hierarquia de classe social.

Segundo Anne de Rugy, a bifurcação profissional é

um processo de mudança mais ou menos longo que inclui uma série de ações desvinculamento e desinvestimento de uma condição profissional, de busca de outra possibilidade, de reinvestimento e de integração que pode ser objeto de investigações. (Rugy, 2021, p. 20).

As trajetórias profissionais dos entrevistados seguem a dinâmica formulada pela socióloga, isto é, bifurcações são fruto de uma escolha voluntária e sem constrangimentos externos ou eventos biográficos que constituem pontos de inflexão, isto é, são marcadas por uma transição entre o desinvestimento do trabalho anterior até a consolidação da nova vida e profissão.

Os processos de bifurcação aqui analisados, sejam feitos individualmente, ou pelo casal, possuem características em comum, que também são apontadas por outras pesquisas. Não há casos de conversão que estejam ligados ao rebaixamento profissional (*déclassement*), isto é, a escolha da vida camponesa, não é um efeito compensatório da perda da posição de classe e *status* do indivíduo. À exceção de 4 pessoas oriundas das classes populares que não passaram por significativa mudança de renda, a conversão é seguida de perda de renda, o que Anne de Rugy chama de bifurcações descendentes. Há 3 casos com características singulares, a rigor, eles não fazem bifurcações descendentes, mas estão próximos disso, formados em escolas de agronomia de elite, eles desertaram, isto é, eles optaram por trabalhar em associações, embora seus destinos naturais fossem as corporações. A produtora de queijo Manon afirma que atualmente ganha um SMIC e se trabalhasse numa empresa de alimentação ganharia 3 ou 4 mil euros.

Os processos de transição são em geral marcados por viagens internacionais a países do Sul Global, onde, intencionalmente, vivem em comunidades camponesas. Segundo Pruvost, nessa experiência, eles conhecem formas de organização social baseadas na subsistência e despertam para novas possibilidades de vida. A realização de cursos, estágios e trabalhos temporários voluntários ou não, em fazendas de diferentes regiões da França também é algo em comum nessa transição.

Entre nossos 18 entrevistados, a travessia em direção à vida camponesa pode ser dividida em dois grupos, aqueles que recusam a alienação do trabalho e as relações alienadas com a natureza que caracterizava a profissão anterior e, em menor número, aqueles que já trabalham em associações próximas ao mundo camponês ou com educação ambiental.

No primeiro grupo, estão 4 educadores ambientais, 1 educador social, 2 executivos de empresas de petróleo e de produção de carne, 2 engenheiros, 1 funcionário de ministério de alto escalão, 1 enfermeira, 1 técnico de espetáculo, 1 empregado em serviço. No segundo grupo estão 4 gerentes de associações camponesas e 2 educadores ambientais. Há um engenheiro agrícola que ainda não conseguiu se instalar e, portanto, não concretizou a bifurcação.

No primeiro grupo, as bifurcações têm maior amplitude e são marcadas por tensionamentos em relação ao trabalho. No segundo grupo, as rupturas com valores hegemônicos começam já durante o curso superior e, desde então, se aproximam do mundo agrícola, depois de finalizarem uma longa trajetória de estudos, foram trabalhar em associações relacionadas ao

mundo rural, antes de se tornarem camponeses. Neste segundo grupo, apesar de haver bifurcação profissional, 3 entrevistados afirmam que desde sempre queriam ser camponeses.

### **A RECUSA DA ALIENAÇÃO**

Sobretudo em relação ao primeiro grupo, a fase de desinvestimento e instabilidade em relação à profissão é marcada por uma dupla problematização crítica em relação à alienação do trabalho e à alienação do humano em relação à natureza.

O mal-estar gerado pela alienação do trabalho são reforçados pelo antropoceno, já que as atividades das empresas ou do Estado não respondem à emergência climática, pelo contrário, o entendimento é de que, por meio do próprio trabalho, dá-se continuidade aos processos de predação que caracteriza a dinâmica capitalista. Os sujeitos se colocam diante da contradição de que o trabalho deveria ser uma atividade de criação, mas suas atividades acabam por ter resultados destrutivos no que diz respeito aos ciclos ambientais, o que não cessa mesmo diante dos alarmes trazidos pelas ciências do clima.

O caso de Robert é ilustrativo, ex-funcionário de ministério francês do meio ambiente, categoria A, que é a mais alta, da área de recursos hídricos, ele se tornou horticultor. Ele relata que a legislação francesa sobre a água é virtuosa, mas entra em conflito com a legislação agrícola, e como o orçamento da Política Agrícola Comum, da União Européia é vultoso, a questão hídrica era sistematicamente atropelada. Ao conhecer o trabalho dos colegas que eram responsáveis por distribuir o dinheiro da PAC, ele constatou que os agricultores que mais recebem subvenções são os que mais produzem impactos negativos no meio ambiente. Em suas pesquisas de campo, Robert constatou que a agricultura tem um grande impacto na degradação do solo, o que por sua vez, tem impacto nos ciclos da água. A partir destes questionamentos do trabalho, que o satisfaz teoricamente, mas que não produz resultados efetivos, ele começa a conhecer e a participar da agricultura camponesa. Mas não se trata de uma simples relação causal entre a crítica da alienação e a busca por um novo trabalho. Robert como todos os neocamponeses têm um pronunciado gosto pela prática e pelo trabalho ao ar livre, junto à natureza. Ele queria fazer algo concreto, no qual podia ver os frutos, há um prazer em ver as plantas crescerem e entender as interações do solo e das plantas.

A partir da leitura das novas edições da obra do Marx, Kohei Saito aponta que nos textos marxistas, a alienação nas relações com a natureza tem a mesma centralidade da alienação no trabalho. As bifurcações dos neocamponeses, que não leram Marx, coloca em prática a crítica das duas alienações, mas dentro de sociedade capitalista, neste sentido, buscam construir uma utopia do aqui e agora ou utopias reais, para usar a expressão de Erik Olin Wright.

A desalienação dá ensejo a uma dupla ressignificação, isto é, de ecologização e politização do trabalho. Em outras palavras, as rupturas biográficas são movidas por um anseio de uma profissão a um só tempo caracterizada pela autodeterminação do trabalho e pela criação de interações junto à natureza, que ultrapassam a busca de equilíbrio, trata-se antes de co-criação entre humanos, não humanos e o meio físico.

A politização do trabalho passa pela ressignificação do trabalho manual, que está ligado ao desejo de realizar atividades concretas, produzir bens úteis, produzir com as mãos, mobilizar o corpo e lidar com materialidade do mundo. Por meio da valorização do suposto trabalho manual, eles fazem a crítica da divisão e hierarquização entre trabalho intelectual e manual e do desprezo das classes superiores pelo trabalho camponês.

## O TRABALHO CAMPONÊS – AUTONOMIA E SUBSISTÊNCIA

Em seu livro, *Quotidien Politique*, Geneviève Pruvost defende que as alternativas camponesas atuais podem ser entendidas a partir da subsistência. Para Pruvost,

as economias de subsistência não são economias de sobrevivência e podem mesmo atingir a abundância. Em todo caso, se alimentar, habitar e se vestir assenta sobre uma organização social e uma base material, que implica uma política de abastecimento e de distribuição que revela uma organização social complexa (Pruvost, 2021, pp. 27-28).

A acumulação e a despossessão destruíram as sociedades camponesas de subsistência, ao menos na Europa, mas é, justamente, a “perspectiva da subsistência” que anima os neocamponeses. Trata-se de se reapropriar de tarefas essenciais para a reprodução social como a produção de alimentos, a habitação, a saúde e da educação dos filhos. A partir de alguns depoimentos, podemos opor, por um lado, o trabalho alienado no escritório, no computador, na cidade que produz informações e bens simbólicos e, por outro lado, a autonomia no trabalho de subsistência, feito ao livre, em interação com a natureza e na materialidade do mundo que produz bens essenciais, segundo a expressão que aparece em alguns depoimentos “alimentar as pessoas com comida saudável é algo que tem sentido”.

Voltemos para os depoimentos para entender como os neocamponeses logram produzir e reproduzir a subsistência a partir da autonomia do trabalho. A herborista Marianne, como vimos, fez uma conversão tardia, sem nunca antes ter plantado, a conversão a absorveu de tal modo que diz que esse é, em suas palavras, “seu último grande trabalho”. Ela é autodidata porque não quis tirar vaga dos jovens nos cursos, ela aprende seu novo ofício a partir leitura de livros especializados e a observação de seu cultivo, o que tomou muito tempo, embora, não haja sentido negativo aqui, porque os neocamponeses buscam uma relação com o tempo mais lenta, própria ao aprendizado constante. Sua trajetória é ilustrativa de suas recusas à lógica da acumulação e de construção de autonomia de seu trabalho e de seu sítio. Ela domina dois ofícios, a herboricultura e a domesticação de equinos, atividades que elas conciliam em sua terra.

O relato de Marianne é marcado por diversas recusas, a começar pelo trabalho assalariado. Depois, não aceita um projeto de coleta de resíduos por conta do patrocínio de uma grande empresa, recusa o esporte de equitação por envolver exploração animal e o trabalho na vinha por envolver exploração de homens e de animais. Depois de instalada, recusa vender suas ervas para um laboratório que mistura espécies no mesmo recipiente, como também, revender produtos de terceiros, ter intermediários e participar de um sindicato que vende os produtos das herboristas a preço baixo. Recusa tudo que exige muita regulamentação, por exemplo, a produção de cosméticos e essências, e de tornar-se fitoterapeuta porque, segunda ela, há, atualmente, uma proliferação de terapias e tudo isso está sendo monetizado.

Para garantir sua autonomia, Marianne diz que eliminou tudo o que necessita de dinheiro, pois “quando se é neocamponesa, é preciso cortar as despesas”. Segundo Gala, uma cerealista e padeira, que produz seus pães com o trigo que cultiva, essa escolha por autonomia implica ser pequeno, gastar menos e ganhar menos, pois é isso que o torna mais resistentes às crises.

Para garantir sua autonomia, o tempo todo os camponeses buscam autorregular suas atividades evitando compras, endividamentos, despesas e investimentos. Marianne e seu marido compraram uma terra mais barata, num terreno muito íngreme, que impossibilita o uso do trator, o que reduziu valor do investimento. O que só foi possível porque ela trabalha com tração animal feita com cavalos, ela possui grande domínio deste *métier* e oferece cursos na área.

Seu marido é um artesão que domina vários *métiers*, enquanto Marianne se formava como herborista, Joseph fez as construções ecológicas da casa e das instalações para a produção dos óleos das ervas. O fenômeno da autoprodução das ecoconstruções está presente em alguns casos, é feito, simultaneamente, com a produção agrícola, enquanto as famílias moram em habitações provisórias, como tendas, que são muito comuns entre militantes ecologistas e neocamponeses. A busca por autonomia camponesa, muitas vezes, resulta num processo lento e difícil. A ecoconstrução além de ser menos cara, objetiva também autonomia hídrica e energética. O sítio do casal é abastecido com energia solar que, por conta da falta de recurso, foi paulatinamente instalada. Não é raro que para a obtenção de recursos para algo específico, por exemplo, aquisição de placas de energia solar, se busque trabalhos pontuais fora da propriedade. Isso feito, o trabalho volta-se novamente para o sítio.

Nós podemos afirmar que quase todo camponês é um *bricoleur*. A bricolagem é um expediente usado para evitar ao máximo a compra de produtos e o dispêndio de recursos. Não se trata apenas de um cálculo financeiro, mas da autoregulação do trabalho, já que gastos extraordinários podem demandar aumento do trabalho agrícola, o que é rejeitado pelo agricultor. Assim, como já mencionado, parte do trabalho é devotado à reforma e reparação de máquinas e das construções, que são preferencialmente realizadas no inverno, estação na qual o trabalho agrícola é reduzido.

No que diz respeito à produção agrícola, é comum o uso integrado de pecuária e agricultura, sobretudo com carneiros e ovelhas. A partir dos excrementos dos carneiros se produz um esterco de boa qualidade para a agricultura, o que livra os agricultores da aquisição de suplementos.

A conservação e troca de sementes ancestrais é uma das formas conhecidas pelas quais os camponeses constroem bens comuns, saem da lógica de mercado e, ao mesmo tempo, que produzem abundância. Em uma das feiras, o horticultor Mathieu vendia 11 espécies de tomates.

A utilização de espécies rústicas e endógenas, seja vegetais ou animais, é a uma só vez, forma de resgate e conservação de espécies regionais e uma necessidade frente às mudanças climáticas. Por exemplo, Thomas trabalha com cabras provençais e deixou de replantar os pastos, porque a grama e as ervas que crescem naturalmente e suportam mais a seca. Raymond resgatou um raça de frango, o frango de Vercors, e se dedica também a cursos para futuros criadores.

A perspectiva da subsistência não se confunde com autossuficiência, por isso, Pruvost afirma que as alternativas são baseadas na “entre-subsistência”, ou seja, os camponeses criam formas de ajuda-mútua, seja pelo compartilhamento de bens, seja pelo trabalho associado, muito embora, alguns se queixavam que as práticas de trabalho coletivo estavam aquém do desejado.

Mas há outras formas associativas que estão a pleno vapor, por exemplo, a comercialização da produção realizada em feiras ou pela organização e entrega de cestas, é algo que demanda tempo e conflita com o tempo necessário à produção. Diante disso, os camponeses se associaram para comercializar a produção e criam cooperativas que se concretizam em mercearias, hoje, existentes em várias cidades e pequenas cidades de La Drôme. As mercearias são espaços autogeridos nos quais as decisões são tomadas coletivamente.

Os camponeses relatam que a venda nas mercearias resultou em redução do tempo gasto na comercialização, alguns deixaram as feiras e a venda direta e se limitam à mercearia. Por outro lado, a reorganização da venda gerou reorganização da produção de cada um no sentido de manter a diversidade de produtos. Algo que é constantemente regulado nas reuniões das



cooperativas. Para o horticultor Valerie, “a mercearia é uma experiência de vida coletiva e de democracia local”.

No aspecto da produção, 4 entrevistados se associaram em GAEC, *Groupement Agricole d'Exploitation en Commun* (Agrupamento Agrícola de Atividade Comum), forma jurídica que possibilita o trabalho associado e que permite que dois ou mais agricultores se associem na mesma empresa, o que do ponto de vista da organização do trabalho favorece o planejamento de folgas e de férias. Um dos entrevistados é associado a uma cooperativa de aquisição de máquinas agrícolas para uso coletivo, outra forma jurídica estabelecida na França e que é denominada CUMA - *Coopérative d'Utilisation de Matériels Agricoles* (Cooperativa de Utilização de Materiais Agrícolas).

O tempo e espaço não nos permite descrever as diversas formas pelas quais os camponeses criam a entre-subsistência que, além das formas mencionadas passa por compartilhamento de moinhos, preferência por comprar de vizinhos, ceder parte da terra para amigos, que moram em *trailers* etc.

## CONCLUSÃO

A partir da recusa do trabalho alienado e, depois, de levar a cabo bifurcações descendentes, os neocamponeses de La Drôme, depois de uma paciente e dura travessia, conseguem se estabelecer em seu novo ofício. Se suas ações têm limites, afinal, dependem do mercado e são criticados porque os produtos orgânicos são principalmente consumidos pela classe média, por outro lado, é inegável que conseguem estabelecer uma tensão entre a perspectiva da subsistência e da irracionalidade produtivista.

Acima de tudo, por meio de seu trabalho e de sua atuação política, eles fortalecem e demonstram a viabilidade de uma agricultura camponesa, local e agroecológica que pode ser ampliada no futuro com outra correlação de forças políticas.

## BIBLIOGRAFIA

DEJOURS, Christophe. **Trabalho Vivo**. Tomo I - Sexualidade e trabalho. Brasília: Paralelo 15, 2012.

HERVIEU-LÉGER, Danièle, HERVIEU, Bertrand. **Le retour à la nature** - au fond de la forêt, l'État ; précédé de Les néoruraux, trente ans après. La Tour-d'Aigues: Éd. de l'Aube, 2005.

PRUVOST, Geneviève. « L'alternative écologique au quotidien - vivre et travailler autrement ». **Terrain**, 60, mars 2013, pp. 33 – 65.

PRUVOST, Geneviève. **Quotidien politique** - féminisme, écologie, subsistance. Paris: La Découverte, 2021

ROZENCWAJG, Romane. « Le « travail utopique » est-il sexiste ? Les collectifs écologiques et égalitaires à l'épreuve de la division sexuelle du travail », **Civilisations**, 70, 2021/1, 70.

SALLUSTIO, Madeleine, « Le « retour à la terre » : entre utopie et nostalgie », **Conserveries mémorielles** [online], #22, 2018, consultado em 07 fevereiro 2024. URL : <http://journals.openedition.org/cm/2910>

SAMAK, Madlyne. « Devenir agriculteur biologique - les conditions sociales d'une hétérodoxie professionnelle ». **Sociétés contemporaines**. 2021/4, N° 124, pp. 125 – 150.

**Data da submissão: 01/05/2024**

**Data da aprovação: 26/09/2024**